



Data: 11.01.2021

Título: Covid-19. Com confinamento igual a março, pode levar sete semanas a baixar os...

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



# Covid-19

## Sete semanas para voltar ao nível de contágio anterior ao Natal

- Mesmo com confinamento como o de março, descida será demorada, estima equipa da FCUL
- Hospitais, no limite da capacidade, vão enfrentar duas a três semanas de aumento de internamentos
- Casos estão a crescer 9% ao dia com taxa de duplicação em oito dias. Sem travão, podem chegar-se aos 20 mil
- Risco de contágio nunca foi tão elevado. País com incidência acima de 800 casos por 100 mil habitantes a 14 dias. Região Centro supera mil casos por 100 mil habitantes

// PÁGS. 2-3

Área: 1343cm² / 51%

FOTO Titragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 7032081



Data: 11.01.2021

Titulo: Covid-19. Com confinamento igual a março, pode levar sete semanas a baixar os...

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



## Covid-19. Com confinamento igual a março, pode levar sete semanas a baixar os contágios

Com o reporte de casos conhecidos no fim de semana, taxa de duplicação de casos de covid-19 baixou para oito dias. Incidência já bate recorde da segunda vaga, com mais de 800 casos por 100 mil habitantes. Internamentos vão continuar a subir nas próximas semanas, com os hospitais no limite.

MARTA F. REIS  
[marta.reis@online.pt](mailto:marta.reis@online.pt)

Mesmo com um novo confinamento como o de março, podem ser necessárias sete semanas para que o número contágios baixe para os valores pré-Natal, quando o país registava uma média de 3400 infeções por dia. A estimativa é traçada ao i por Carlos Antunes, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e que trabalha na modelação da epidemia com o epidemiologista Manuel Carmo Gomes, um dos peritos que dá apoio técnico ao Governo. Os especialistas voltam ser ouvidos na reunião no Infarmed esta terça-feira e os casos reportados nos últimos dias, inclusive este domingo, que registou o maior número de casos de sempre a um fim de

semana, quando há menos menos laboratórios a funcionar, têm vindo a agravar as previsões.

**CASOS ESTÃO A DUPLICAR A OITO DIAS** Se no início da semana passada se calculava uma taxa de duplicação de novos casos a cada 13 dias, que encurtou para 10 dias no final da semana, este domingo a projeção era de uma duplicação de casos a cada oito dias. Com a estimativa da FCUL a apontar agora para uma média diária de 11 500 infeções por dia, tendo em conta que existe um desfasamento entre infeção e diagnóstico e mantendo-se este ritmo, o país poderia chegar em oito dias às 20 mil infeções diárias, devendo chegar às 12 mil a 13 mil infeções/dia diagnosticadas durante esta semana. Carlos Antunes admite que possa

começar a sentir-se uma desaceleração do aumento de casos, fruto também de menor mobilidade e contactos da população. Ainda assim, os números calculados até aqui apontam para uma taxa de crescimento de casos de cerca de 9% ao dia, superior a qualquer outro momento da pandemia. Para calcular quanto tempo poderá levar a esmagar a curva de casos, a equipa usa o histórico do primeiro confinamento em março. "Levámos oito a dez dias a começar a achatam a curva e depois levámos três semanas a reduzir para metade dos casos. Se desacelerarmos agora, chegaremos a uma média diária de 14 a 15 mil casos, precisaremos de duas a três semanas para reduzir a metade e mais um período para reduzir novamente a metade."

Área: 1343cm² / 51%

Tiragem: 16.000

FOTO: 4 Cores

ID: 7032081



## País volta a confinar ainda esta semana

Reunião no Infarmed será na terça-feira. Decisão sobre escolas em análise.

O país regressa ao confinamento ainda esta semana. Segundo avançou este domingo o Público, o confinamento poderá entrar em vigor esta quinta-feira, depois do conselho de ministros na quarta-feira. Na terça-feira terá lugar a reunião no Infarmed, que junta vários especialistas e para a qual foi remetida uma clarificação da situação. Segundo i apurou, além do ponto de situação epidemiológico, será feita uma apresentação sobre o risco de transmissão nas escolas.

O primeiro-ministro afastou o encerramento das escolas, sendo esta aliás uma das diferenças nos planos do Governo face ao que aconteceu em março. Ainda assim, a questão continua a ser discutida e até ao conselho de ministros, fruto também da rápida evolução da situação epidemiológica, tudo está em aberto.

Este sábado a ministra Mariana Vieira da Silva confirmou o confinamento mas disse também as medidas em concreto estavam ainda em aberto apesar de se estar a trabalhar em regras aparecidas com as de

março. "Faremos um confinamento muito próximo do que existiu em março e abril, garantindo que não fecharemos nada que não tenha sido fechado, como a agricultura, a indústria, e a distribuição continuará a funcionar, de modo a garantir também que nada do que são os bens essenciais faltem", disse a ministra de Estado e da Presidência.

Nas audições com os partidos, o Governo apontou para um período mínimo de 15 dias de confinamento. No primeiro estado de emergência, decretado a 18 de março, o confinamento durou um mês e meio. O país começou a desconfinar a 4 de maio. Mantiveram-se no entanto várias restrições até ao início de junho. E depois disso continuaram medidas mais apertadas em 19 freguesias da área metropolitana de Lisboa, que continuavam com números elevados de casos. Uma situação ainda assim de muito menor incidência de covid-19 do que a que o país regista atualmente. A 4 de maio, registava-se uma incidência de 45 casos por 100 mil habitantes. Fazem-se agora muitos mais testes, mas aumentou a percentagem de positivos e o país passa agora pela primeira vez a barreira dos 800 casos por 100 mil habitantes.

**RISCO DE CONTÁGIO NUNCA FOI TÃO ELEVADO** Depois dos recordes de casos diagnosticados durante a semana e no fim de semana, a incidência de novos casos por 100 mil habitantes já superou o pico da segunda vaga a nível nacional, tendo passado pela primeira vez o patamar dos 800 casos por 100 mil habitantes. É o indicador que tem sido usado para avaliar o risco de contágio – começou por ser usado internacionalmente e foi adotado pelo Governo para definir medidas nos concelhos com mais risco ao longo de novembro e dezembro. Com mais de 89 mil casos diagnosticados nos últimos 14 dias em todo o país, a maioria na última semana, Portugal registava ontem uma incidência a nível nacional 865 casos por 100 mil habitantes. A região Norte, que na primeira e segunda onda registou o maior nível de contágio e maior pressão nos hospitais, tem agora 905 casos por 100 mil habitantes, ainda abaixo do pico da segunda vaga. A região Centro é a que regista maior incidência, tendo passado o patamar dos mil casos por 100 mil habitantes, o que até aqui só tinha acontecido no Norte. A região de Lisboa e Vale do Tejo estava ontem com uma incidência de 849 casos por 100 mil habitantes, o Alentejo 971 casos por 100 mil habitantes e o Algarve 703 casos por 100 mil habitantes, isto nos últimos 14 dias – o que ainda apanha a semana atípica do ano novo em termos de funcionamento dos laboratórios. Nos últimos sete dias, os diagnósticos aumentaram. Incidências que agora colocam a maioria dos concelhos em nível

de risco extremamente elevado (mais de 960 casos por 100 mil habitantes) ou muito elevado (acima de 480)

**INTERNAMENTOS VÃO CONTINUAR A AUMENTAR. FORÇAS ARMADAS REFORÇAM** Este sábado registou-se uma das maiores subidas nos internamentos de doentes com covid-19 desde o início da epidemia, numa altura em que os hospitais estão já com ocupações elevadas em UCI. Na semana passada, superava-se já 85% da capacidade no país, tendo em conta doentes críticos covid e não covid. Durante o fim de semana, a Ordem dos Médicos mostrou apreensão pela "rutura evidente" do SNS e responsabilizou o Governo pelo alívio das medidas no Natal e por "uma estratégia de comunicação, focada no anúncio e início da vacinação e que terá contribuído para a redução da perceção do risco por parte da população." À SIC, o bastonário dos Médicos admitiu este domingo

um cenário em que pode ser necessário escolher entre doentes críticos admitidos em cuidados intensivos. Os hospitais estão a aumentar capacidade, mas a falta de enfermeiros é a principal dificuldade, disse na RTP durante o fim de semana João Gouveia, presidente da Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos. O médico defendeu ontem também um novo confinamento para evitar uma situação de catástrofe.

A ministra da Saúde visita esta segunda-feira o polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas, que vai reforçar a capacidade de Lisboa, agora sob maior pressão. Também a base naval do Alfeite está a ser preparada como estrutura de retaguarda, indicou durante a semana ao i a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo.

As projeções da FCUL apontavam ontem que o número de doentes internados possa chegar aos 4000 esta semana. As segundas-feiras costumam ser o dia de maior afluência às urgências, pelo que é esperado um início de semana com muita pressão nos hospitais, agravada pelo tempo frio que aumenta o risco de descompensação de doença crónica. A mortalidade tem estado "muito acima do esperado" para esta altura do ano, continuava ontem a indicar o sistema nacional de vigilância de mortalidade, uma plataforma do Ministério da Saúde onde são registados em tempo real os certificados de óbitos no país. Nos últimos sete dias registaram-se mais 1254 mortes acima dos patamares expectáveis nesta altura do ano.

Taxa de duplicação de casos baixou de 13 dias há uma semana para oito dias  
Ordem dos Médicos falam de rutura evidente e defende confinamento



Primeiro confinamento durou mês e meio

Área: 1343cm² / 51%

Tiragem: 16.000 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7032081